

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA**

NATHANIEL PIRES RAYMUNDO

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE “VERGONHA”:
AS CONCEPÇÕES DE FREUD E OS SOFRIMENTOS CONTEMPORÂNEOS**

PORTO ALEGRE

2018

Nathaniel Pires Raymundo

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE “VERGONHA”:
AS CONCEPÇÕES DE FREUD E OS SOFRIMENTOS CONTEMPORÂNEOS**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, pelo Curso de Especialização em PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Ms. Aurélio Palmeira da Fontoura Marcantônio

Porto Alegre

2018

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE “VERGONHA”: AS CONCEPÇÕES DE FREUD E OS SOFRIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

CONSIDERATIONS ON THE NOTION OF "SHAME": THE CONCEPTIONS OF FREUD AND CONTEMPORARY SUFFERING

Nathaniel Pires Raymundo*

Aurélio Palmeira da Fontoura Marcantônio**

Resumo: O artigo busca apresentar uma contextualização sobre a noção de vergonha a partir de uma leitura psicanalítica, abordando desde as teorizações realizadas por Freud até o debate sobre a presença do afeto da vergonha junto aos sintomas de sofrimento na contemporaneidade. Para tanto, este estudo discute ideias de Freud e de autores contemporâneos, buscando articular a noção de vergonha junto a sua função social nas sociedades tradicionais e nas contemporâneas, e estabelecer nitidez à noção de vergonha - discutindo suas aproximações e distanciamentos em relação ao afeto da culpa. A partir do debate realizado entre os autores, evidenciou-se que as perspectivas que teorizam sobre a vergonha a discutem sob a transição do conflito *entre o que é permitido ou proibido* - nas sociedades modernas - para o dilema *entre o que é possível e o que é impossível* - nas sociedades contemporâneas. Entre esta passagem, a vergonha é entendida principalmente como uma força recalcadora das pulsões sexuais ou como uma forma de desintegração social num contexto de declínio da autoridade simbólica, ao contrário da culpa - que possuía nas sociedades tradicionais um valor de integração social.

Palavras-chave: Vergonha. Psicanálise. Culpa.

Abstract: The article seeks to present a contextualization about the notion of shame from a psychoanalytic reading, approaching from the theories realized by Freud to the debate about the presence of the affection of the shame next to the symptoms of suffering in the contemporaneity. For this, this study discusses ideas of Freud and contemporary authors, seeking to articulate the notion of shame along with their social function in traditional and contemporary societies, and to establish sharpness to the notion of shame - discussing their approximations and distances in relation to the affection of the fault. From the debate held among the authors, it has been shown that the perspectives that theorize about shame discuss it under the transition from the conflict between what is allowed or forbidden - in modern societies - to the dilemma between what is possible and what is impossible - in contemporary societies. Among this passage, shame is understood primarily as a force that represses the sexual drives or as a form of social disintegration in a context of decline of symbolic authority, as opposed to guilt - which had in traditional societies a value of social integration.

Keywords: Shame. Psychoanalysis. Guilt.

* Graduado em Psicologia (UFRGS/RS). Pós-graduando do Curso de Especialização em Psicanálise: teoria e técnica (UNISINOS). E-mail: nathanielpr@hotmail.com.

** Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1990), Especialização em Filosofia do Conhecimento e da Linguagem pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1992) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). E-mail: aureliom@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento da psicanálise, Freud evidenciou uma série de afetos presentes nos sintomas neuróticos: fobias, angústias, compulsões, obsessões, conversões somáticas, medos hipocondríacos, inibições, culpa, nojo, autopunição, entre outros. Pode-se dizer que ao longo do percurso da prática e da teoria psicanalítica ocorreu um aumento da família semântica dos afetos (COSTA, 2012).

O afeto da vergonha, contudo, nunca foi um tema central de preocupação para a psicanálise. (VENTURI e VERZTMAN, 2012). A culpa, por outro lado, desempenhou um protagonismo nas discussões que dizem respeito à relação dos indivíduos com o mundo social. Foi em torno da imagem de um sujeito culpado que a psicanálise desenvolveu seu corpo teórico e clínico para delinear as principais figuras neuróticas da modernidade. Tanto é que, em Totem e Tabu (FREUD, 1913), Freud designa a culpa ao posto de mito fundador da civilização, estruturando as relações entre os sujeitos para a formação de uma sociedade. Ou seja: o sentimento de culpa dos irmãos acerca do parricídio possibilitou que um pacto social fosse construído.

Tendo em vista que a culpa, graças a sua função na coesão social, ganhou notoriedade entre outros afetos neuróticos, este estudo busca evidenciar algumas articulações da noção de vergonha a partir de suas funções psíquicas e sociais, tomando desde a época de Freud até as suas manifestações na relação com os sofrimentos contemporâneos. Para isso, a noção de vergonha é abordada a partir de leituras psicanalíticas. Este trabalho começa apresentando as relações propostas por Freud ao longo de sua obra acerca da noção de vergonha. Após, a função social da vergonha é debatida através das considerações de Freud, Lacan e de autores contemporâneos. Em seguida, discorre-se sobre o caráter narcísico da vergonha, a partir do desenvolvimento de distinções entre as noções de vergonha e de culpa. Por fim, debate-se a aparição da vergonha junto aos sintomas contemporâneos, e os desafios que este afeto apresenta para a condução da prática clínica.

2 O CONCEITO DE VERGONHA NA OBRA DE FREUD

2.1 A vergonha como força recalcadora

Na primeira menção que Freud faz do afeto de vergonha, apresenta tanto a

moralidade quanto a vergonha como “forças recaladoras” (FREUD, 1996d[1896]). Naquele contexto, o autor investigava a origem do desprazer que parece ser liberado quando a estimulação sexual ocorre de maneira prematura. Freud discute que a explicação mais plausível para essa origem apontava que a vizinhança da localização dos órgãos sexuais seria o motivo de repulsa, e de que nos contextos sociais em que forças recaladoras como a vergonha e a moralidade estivessem ausentes, a neurose e o recalamento não seriam consequências da estimulação sexual infantil. Todavia, estas primeiras explicações são abandonadas ao se levar em conta que há experiências cotidianas nas quais a repulsa não é sentida, e a moralidade é suplantada assim que a libido alcança um nível suficiente. Logo, o autor conclui que o aparecimento da vergonha se relaciona, através de ligações mais profundas, com a experiência sexual, devendo portanto o desprazer ter uma fonte independente, a qual, uma vez presente, pode despertar as sensações de repulsa ou reforçar a moralidade.

Após, Freud descreve a sequência que culmina no sentimento de vergonha: Acuso-me por algo que aconteceu, receio que outras pessoas saibam do fato, logo, sinto vergonha diante de outras pessoas. Nos casos em que o conteúdo da memória, por substituição, não se tornou aceitável pela consciência, mas que o afeto da autocensura se formou em função da transformação, presume-se que ocorreu um deslocamento numa cadeia de inferências. Assim que o primeiro elo da sequência é recalado da consciência, a obsessão passa para o segundo ou terceiro elo e promove dois delírios de observação: a luta defensiva resulta em mania de generalizada dúvida, ou no desenvolvimento de uma vida de excêntrico, com inúmeros sintomas defensivos secundários. O afeto da autocensura pode ser transformado em outro afeto, que depois aparece mais claro na consciência, por exemplo angústia, hipocondria, vergonha, delírios de perseguição, etc (FREUD, 1996d[1896]).

2.2 A natureza sexual da vergonha e sua relação com as fantasias

No texto “Fragmento da análise de um caso de histeria” (FREUD, 1996 (1905 [1901])) Freud denomina a vergonha como um “dique psíquico”, assim como o asco e a moralidade. Neste trecho explica que nos primeiros anos de vida tais diques não estão ainda bem desenvolvidos. É um período em que as moções sexuais estão diferenciadas das funções reprodutoras. As pulsões como o prazer de olhar e de exhibir surgem inicialmente separadas da atividade sexual erótica. Sendo assim, a criança está desprovida da vergonha e inclusive sente satisfação de exhibir sua nudez,

principalmente em relação aos órgãos genitais.

No texto “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900 [1987]) Freud afirma que sonhar com a própria nudez quando acompanhada de um sentimento de vergonha e de busca de fuga sem conseguir se locomover é considerado um sonho típico de natureza sexual. E esta nudez pode ser representada de outras formas, como a perda de um elemento do uniforme de alguém que possui uma função específica, ou o esquecimento sobre qual tipo de roupa era usada no sonho. Os sonhos em que a pessoa se percebe despido são caracterizados pelo autor como sonhos de exibição, assim como a criança o faz em seus primeiros anos. Isto porque a *fantasia do paraíso* é, segundo Freud, uma fantasia grupal da infância do indivíduo, em que todos podiam estar nus sem que um sentisse vergonha na presença do outro.

No texto “Escritores criativos e devaneio” (FREUD, 1974 [1907/1908]), Freud discute a diferença entre o fantasiar nos adultos e o brincar na criança. O adulto se envergonha de suas fantasias. Isto por acreditar que é o único que tem fantasias de tal natureza, como se outros adultos não as tivessem. O conteúdo destas fantasias causa vergonha por serem infantis e proibidas. A criança brinca de ser adulto, imitando aquilo que conhece dos mais velhos, e não tem motivos para ocultar o desejo de ser grande. Ao contrário do que se espera das crianças, cabe aos adultos que não continuem a brincar ou a fantasiar, mas que atuem no mundo real.

No texto “Ritos escatológicos do mundo inteiro” (FREUD, 1996 [1913]), Freud faz menção de que nos primeiros anos de vida da criança não há vergonha ou asco também sobre às funções excretórias. As crianças pequenas mostram grande interesse por elas e pelas demais secreções corporais, tirando muitos tipos de prazer ao se ocupar delas. Até mesmo orgulham-se de suas excreções e as utilizam para ajudar a fazer valer seus direitos em relação aos adultos. Justamente pelo fato dos diques psíquicos não estarem ainda bem formados, a criança pode tornar-se perversa polimorfa sob influência da sedução, uma vez que há pouca resistência, sendo induzida aos mais diversos tipos de transgressão. A disposição originária para as perversões surge portanto na infância, e a vergonha, junto do asco, da paixão e de outras construções sociais da moral e da autoridade são forças que atuam delimitando a orientação da pulsão sexual. O comportamento sexual normal vai se desenvolver em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas.

2.3 A função da vergonha no período de latência sexual

Ainda no texto “Escritores criativos e devaneio” (FREUD, 1974 [1907/1908]), o autor situa o período de latência sexual entre o final do quinto ano de vida e às primeiras manifestações da puberdade. A vergonha, assim como a repugnância e a moralidade são denominadas agora pelo autor como “formações reativas” ou “contraforças” que se criam na mente durante este período de latência. Surgem às custas das excitações originárias das zonas erógenas e erguem-se como “diques” para opor-se às atividades dos impulsos sexuais posteriores.

No texto “Um estudo autobiográfico” (FREUD, 1977 (1925[1924])) Freud novamente faz referência à vergonha com a fase da latência, citando que é um período em que as formações reativas de vergonha e repulsa são estruturadas. Nessa fase, as impulsos sexuais que demonstraram intensa vivacidade são superados pela repressão, fazendo oposição ao surgimento posterior da puberdade, e alicerçando o caminho dos desejos sexuais que se despertam.

2.4 Menções da noção de vergonha relacionadas às estruturas clínicas na obra de Freud

A partir do estudo das perversões (FREUD, 1974 [1905]), Freud traz a concepção de que a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas com máxima clareza a vergonha e o asco. Essas forças contribuem para circunscrever a pulsão dentro dos limites considerados normais, e que, caso se desenvolvam precocemente no indivíduo, antes que a pulsão sexual alcance a plenitude de sua força, sem dúvida serão elas que irão apontar o rumo de seu desenvolvimento.

Segundo Freud, o caráter histérico é outra forma de ilustrar bem um certo grau de recalçamento sexual que ultrapassa a medida normal, ou seja, atua intensificando a resistência à pulsão sexual através do asco e da moralidade. Ocorre uma fuga em relação às questões sexuais. Já no caso do masoquismo, a dor, assim como o asco e a vergonha são superadas enquanto resistências à libido.

A vergonha surge como uma força recalcadora que se forma a partir da fonte de pulsão sexual. A dinâmica deste recalque se apresenta na “Conferência XXIV - O

estado neurótico comum” (FREUD, 1996 [1917]), quando Freud fala sobre um estado de ansiedade histérica. O correspondente inconsciente da ansiedade pode ser um impulso de características semelhantes - vergonha, embaraço - ou, com a mesma facilidade, uma definida excitação libidinal ou agressiva, hostil: como raiva ou irritação. Sendo assim, a ansiedade constitui moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito à repressão.

Em Luto e melancolia (FREUD, 1974b (1917[1915])), Freud aponta a relação da vergonha com a melancolia. A vergonha não é preponderante ao melancólico, pois ressalta-se na condição dele um traço que é quase oposto: a de uma persistente comunicabilidade, que encontra satisfação através do desmascaramento de si mesmo.

2.5 A vergonha como rejeição ao pertencimento ao grupo

Em Psicologia do grupo e análise do eu (FREUD, 1996 [1921]), Freud relaciona o sentimento de vergonha com o modo de um casal expressar sua rejeição da influência do grupo. Isso ocorreria na medida em que, enamorados, um se basta ao outro. Sentimentos de ciúme surgem para proteger a escolha do objeto sexual de ser capturado pelos laços grupais. Apenas quando o fator “afetuoso” ceder lugar ao “sensual”, torna-se possível que duas pessoas mantenham relação sexual em frente às demais. Para isso, contudo, é preciso ocorrer uma regressão a uma fase anterior das relações sexuais – na qual estar amando não era fundamental, sendo todos os objetos julgados como de igual valor.

Foram apresentadas acima as menções que Freud fez da noção de vergonha em toda a vez em que relacionou o termo *vergonha* a outros desdobramentos teóricos ao longo de sua obra. De acordo com a coleta realizada, pode-se afirmar que o autor menciona a noção de vergonha principalmente nos seus textos iniciais. De forma geral, ele a situa acompanhada do nojo e da moralidade, designando-as como barreiras repressoras da sexualidade. Ao explorar os sonhos de nudez, o autor ressalta que estes sonhos retomam justamente um período da vida em que havia a ausência de vergonha, nos primeiros anos, que é quando a vergonha ainda não está desenvolvida como uma força recalcadora. No texto “Caráter e erotismo anal” (FREUD, 1996 [1908]), o autor situa o período de latência sexual entre o final do quinto

ano de vida às primeiras manifestações da puberdade. A partir deste período a criança conhece as regras sociais e passaria a conviver com a noção de transgressão, o que lhe possibilita identificar momentos em que “se saiba culpada”. Só então é que os sonhos de nudez poderiam ser ressignificados como fazendo referência a uma ideia de paraíso que não deve mais ser “permitida”, gerando culpa.

Ao trabalhar a questão da vergonha que os adultos tem das próprias fantasias, pode-se perceber mais claramente a função de “véu” que a vergonha passa a operar. Ou seja, o adulto passa a esconder, tornar privadas as suas fantasias, as quais subentende que não serão aceitas por todo um grupo social, o qual espera outras atitudes dele. A relação que o autor faz da vergonha como *o modo de um casal expressar sua rejeição da influência do grupo* também pode ser entendida por uma lógica que faz referência a um “véu”. Isso porque, semelhante a situação dos sonhos de nudez que remetem aos primeiros anos infantis, *estar à vontade entre todos num grupo* seria análogo a um período em que não há vergonha e que todos se amariam igualmente. Na medida em que já há vergonha, esta fantasia do paraíso - que remete a uma total liberdade – não pode mais ser aceita socialmente, e aparece na manifestação dos próprios casais um em relação ao outro.

E quando descreve o processo que acarreta na vergonha (FREUD, 1996d [1896]): “Acuso-me por algo que aconteceu, receio que outras pessoas saibam do fato, logo, sinto vergonha diante de outras pessoas”, chama atenção que dentro deste processo ocorre uma *acusação e um receio* antes de culminar na vergonha. Aparentemente a autoacusação e o receio fazem referência a sentimentos de culpa e de medo, que estariam implícitos até o momento em que a vergonha irrompe. Este receio poderia ser consequência da confirmação pelo outro de que o sujeito é culpado, não agora só pela sua autoacusação, mas pela verificação do outro – que percebe a fantasia proibida sem o véu.

É interessante que Freud situa a vergonha como o desenvolvimento de forças que atuam sobre as pulsões sexuais, ou seja, cuja natureza parte muito mais do psiquismo do indivíduo do que de coerções externas - que teriam um papel social apenas mais tarde, na fase de latência. Na relação da vergonha com as estruturas clínicas, percebe-se que Freud debate cada uma delas a partir da relação entre as forças recaladoras e a libido, sendo a libido capaz de suplantar a função de “véu”

operada pela vergonha.

3 FREUD, LACAN E OUTROS AUTORES CONTEMPORÂNEOS: LEITURAS SOCIAIS SOBRE A NOÇÃO DE VERGONHA

No contexto social em que Freud desenvolveu a teoria sobre a neurose, talvez fosse possível afirmar que a vergonha estivesse intimamente ligada à culpa, tal como uma consequência da última, de modo que alguém pudesse “morrer de vergonha” ao transgredir uma regra moral (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014). O cerne da neurose estava na contestação ao ideal e à moral, resultado do declínio do poder da igreja e do discurso da ciência, que acabou atingindo o modelo do patriarcado e a família no seu epicentro. (MILLER, 2004). Não é possível afirmar que a vergonha tenha a mesma atuação da culpa na manutenção das leis morais, mas por sua relação com o objeto olhar, podia impedir que o gozo fosse escancarado, aspecto típico da sociedade atual. (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014).

Freud (1975c [1923, p. 99]) apontava a relação entre o supereu e o olhar: “[o ego] é observado a cada passo pelo supereu severo”. Para o sujeito pertencente àquela sociedade, o supereu apresentava-se como uma instância sempre vigilante e pronto a punir diante de quaisquer ações ou intenções transgressoras. A simples presença do desejo da satisfação pulsional já seria motivo para o supereu entrar em ação e tornar o sentimento de culpa presente, resultando em necessidade de punição. A vigilância do supereu atuava, portanto, no intuito de velar o gozo. (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014).

Lacan (2005) dá continuidade ao pensamento de Freud, porém apresentando uma novo estatuto para o supereu. Se antes o olhar velava o gozo, agora está perdendo essa função passando a ser escancarado e desavergonhado, uma vez que já não causa mais vergonha. Ao invés de proibir, o supereu é entendido, nos tempos de Lacan, como o responsável por direcionar o sujeito cada vez mais ao gozo. (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014). O pai primitivo descrito por Freud (1975a [1913]) em Totem e tabu, que podia gozar livremente de todas as mulheres e que convoca ao gozo puro, é quem dá origem ao supereu. Nessa nova versão proposta por Lacan (2009), o imperativo do supereu é: goza!

Todavia, é preciso deixar claro que Lacan (2008a) não destituiu o supereu como uma instância psíquica sempre vigilante, pronto para punir. Apenas situou que

tanto o gozar sem limites quanto a completa proibição do gozo são duas faces de um mesmo apelo à morte (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014). Tomando ambos os momentos históricos de Freud e de Lacan, tanto em uma sociedade que produzia maior interdição ao gozo como em uma em que se percebe a liberação do gozo, ocorre certo mal-estar na civilização.

Mas porque esta outra face do supereu, que exige o gozo, teria condições de evidência na época contemporânea? Segundo Murta (2002), o sucesso na parceria entre o discurso capitalista e o discurso da ciência, que geram o consumismo como fruto, refletem na modalidade de gozo ora em vigência.

Segundo Miller (2003), o olhar do Outro, castrado de sua potência de produzir vergonha, demonstra a outra face do supereu. Essa outra face se traduz pelo seguinte imperativo do gozo: “olhem eles gozarem e gozem também” (Miller, 2003, p. 12). Lacan chama a atenção para a ausência da vergonha. (LACAN, 1992). No entendimento de Murta, Schimith & Queiroz (2014), para Lacan a vergonha é o buraco de onde surge o significante-mestre e a falta desse significante produz uma ausência de sentido para a vida, uma tendência para a morte. O significante-mestre é quem garante ao sujeito a sua marca singular. Sendo assim, a partir de Miller (2003, p. 13): “O desaparecimento da vergonha quer dizer que o sujeito cessa de ser representado por um significante que valha”. O próprio sentimento de vergonha passa a ser consumido, de maneira que o gozo é compartilhado desvergonhosamente, em uma época na qual o olhar é convocado a todo o momento. O mundo virtual, através das redes sociais é uma demonstração explícita disto. (MURTA, SCHIMITH, QUEIROZ, 2014).

Se o imperativo do gozo pode impelir o sujeito a cometer atos destituídos de vergonha, e que suplantam a função de proibição do supereu, esta hipótese também coloca em pauta a discussão sobre o papel da autoridade simbólica nas sociedades contemporâneas, que parece declinar em vista do imperativo do gozo.

3.1 O declínio da autoridade simbólica e a manifestação da vergonha nos tempos contemporâneos.

O declínio da autoridade simbólica está diretamente associado ao deslocamento de valores sociais e princípios morais que antigamente eram de domínio ou sentido público para tornarem-se assuntos da esfera privada.

(VERTZMAN, 2005). Com o enfraquecimento de ideais comuns, não apenas a importância das tradições ou a consistência das agregações humanas sofreu um abalo, mas também um ideal que estava intimamente ligado à vergonha nas sociedades tradicionais: a honra. Ora, se nas sociedades atuais não há necessidade de resguardar valores, desfaz-se a necessidade de manutenção do ideal de honra.

De acordo com Bilenky (2013), nas sociedades tradicionais, é através da honra que o sujeito identifica os vínculos de pertencimento a seu povo: cada indivíduo tem consigo o senso de sua própria honra e uma consideração pela honra dos demais; eles podem sentir indignação, raiva ou outros sentimentos quando a honra é violada, tanto em situações que dizem respeito a si quanto no caso de referirem-se a acontecimentos de outras pessoas.

Considerando-se a separação entre a vergonha e o ideal de honra na transição das sociedades tradicionais, por outro lado, o afeto da vergonha atua exibindo a insuficiência potencial a que estão sujeitos os seres humanos na contemporaneidade (FARAH, 2012). A partir de então, pode-se dizer que a vergonha se manifesta como indicativo de situações de sofrimento que nem sempre aparentam relação a atitudes ou fantasias das quais o sujeito se culpa, como foi bem contextualizado por Freud em sua época, ou que está em decadência diante do imperativo do gozo, como apresentou Lacan. A vergonha também pode se manifestar diante de um vazio de referências compartilhadas, quando a responsabilidade de um insucesso é relegado apenas sobre o próprio sujeito. Segundo Verztman (2005, p.19):

Ocorre uma superindividualização da vergonha, em que esta emoção surge quando o indivíduo não corresponde a uma imagem ideal que adotou para si mesmo. E esta lesão narcísica é vivida como algo que diz respeito somente a si. Déficits na capacidade de consumir, na performance sexual, na atividade profissional, na possibilidade de expandir laços sociais passam a ser os principais causadores de vergonha.

Em pesquisa realizada por Venturini & Verztman (2012), constatou-se que o intenso sentimento de vergonha de si emerge como uma experiência superindividualizada, descolada de ideais públicos partilhados. Sendo assim, a vergonha deixa de estar associada à frustração de não cumprir com um valor moral compartilhado por um grupo social, mas sim com uma experiência subjetiva vivida em solidão, quando o indivíduo se percebe sem recursos ou valores “individuais” para responder com autossuficiência aos desafios sociais. O indivíduo é lançado a uma impotência implacável, e aí parece se localizar o impacto do declínio da autoridade

simbólica: se, por um lado, o superego atua pela via do recalque das pulsões insuportáveis ao ego, promovendo a identificação vertical com a instância paterna, a idealização, na contemporaneidade, investe, por outro lado, mais no sentimento de identidade (uma relação horizontal) entre o sujeito e seus pares.

Em suma, nas sociedades tradicionais hierarquizadas, os referenciais externos encontravam-se preservados e a identidade de cada sujeito surgia e era assegurada por um corpo social coeso, que baseava sua consistência a partir de uma narrativa pública. No mundo contemporâneo, operou-se uma inversão: na ausência de um referencial terceiro – verticalizado- que encarna um código coletivo, o outro é quem acaba sendo o responsável por me dizer sobre qual é a minha identidade. Segundo Quintella (2014) percebe-se uma certa relação de “exterioridade” na relação objetal, em que a busca pela perfeição da imagem do eu envolve o outro semelhante como um legitimador permanente da imagem de si, subtraindo-se o sujeito, cada vez mais, de uma experiência auto-reflexiva e interiorizada. Esta experiência caracterizava o sujeito moderno do tempo de Freud, em que a Ordem Simbólica assumia ali seu valor de alteridade radical.

Sendo assim, o sujeito só poderá se reconhecer na exterioridade de uma imagem refletida no olhar do outro (VENTURI & VERZTMAN, 2012).

4 O CARÁTER NARCÍSICO DA VERGONHA E SUAS DIFERENÇAS EM RELAÇÃO À CULPA

De acordo com Venturi e Verztman (2012, p. 128) vários autores que utilizam o referencial psicanalítico corroboram o caráter narcísico da vergonha, tais como Gaulejac(1996); Tisseron(1992); Green (2003). Em contraponto a uma relação com o objeto, o núcleo vulnerabilizado na vergonha é da dimensão narcísica do sujeito. Conforme Farah (2012, p.189 apud EHRENBURG, 1998), em termos dinâmicos, o que ocorre nesse quadro é o estremecimento da relação do ego com seu ideal do ego, e não mais a relação do ego com o seu superego, como acontece na culpa.

Em relação à culpa, o sujeito neurótico tem como motor de seu sofrimento o conflito entre aquilo que é permitido e aquilo que é proibido, dividido entre o seu desejo e a lei, em meio a um imaginário moderno no qual se submete a uma autoridade que está para além dele (FREUD, 1900 [1977]). Para Lewis (1993), a culpa é um estado

emocional que ocorre quando o indivíduo faz uma avaliação negativa de seu comportamento, mas pode se ver livre deste sentimento caso realize uma ação que repare a ação negativa. Já a vergonha não é produzida por nenhuma atitude específica, e sim pela interpretação que o indivíduo faz de uma situação, e por isso, uma vez que o sujeito sente vergonha, não é possível reverter o sentimento. Para Vertzman (2005, apud WURMSER, 1981) a culpa é a guardiã das relações de objeto e dá limite à força; a vergonha, a guardiã da realidade interna e recobre a fraqueza. A culpa é de ordem objetal; a vergonha é de ordem narcísica.

Segundo Vertzman (2005, p.21 apud TISSERON, 1992, p.3), enquanto a culpa é uma forma de integração social, a vergonha é uma forma de desintegração. Ela produz uma ruptura na estabilidade do sujeito. A imagem que ele faz de si próprio torna-se problemática, seus balizadores são perdidos, fica sem memória e sem futuro. Entende-se, assim, a posição de fragilidade do sujeito deprimido, levando em conta a dupla perda narcísica sofrida — tanto da imagem idealizada da infância perdida como da futura, veiculada pelo ideal do ego. Trata-se de uma queda não mais associada à culpa de o sujeito ter “comido o fruto proibido”, mas à vergonha de não ser nem “Sua Majestade o bebê” (eu ideal) (FREUD, 1977 [1914]), nem o soberano de si, cujo ideal de autonomia e independência (ideal do eu) fracassa, expondo a sua insuficiência pessoal ao olhar dos demais.

Martins (2010) utiliza a noção de queda desnarcisante do deprimido visando esclarecer a fragilidade do sujeito diante de um duplo abalo na relação entre vergonha, depressão e a dinâmica dos ideais na atualidade. A queda se refere à descontinuidade, aludida acima por Vertzman, entre aquilo que o sujeito é e aquilo que gostaria de ser para se sentir digno de pertencimento social. Une-se à queda uma forte decepção do sujeito quanto a uma imagem acima de suas condições, que com muito custo tenta manter. Quando surge repentinamente a dissonância entre o que ele gostaria de ser e o que agora passa a perceber de si, há o efeito de um trauma que pode ocasionar essa desnarcisação: “o sujeito se percebe outro, miserável, despido de qualquer enfeite: o rei está nu” (MARTINS, 2010). Isso explica o porquê de na contemporaneidade o sofrimento parecer associado muito mais à dimensão daquilo que “se é” do que sobre aquilo que se fez ao outro. A noção de competência e de desempenho pessoal são os valores centrais de avaliação do sujeito, tendo em seu outro polo as noções de incompetência ou insuficiência” (Vertzman, 2012).

5. VERGONHA E SUA RELAÇÃO COM O SOFRIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE: OS DESAFIOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA

O declínio da autoridade simbólica associa-se à crise das categorias de neurose, conflito e culpa dando lugar à depressão, insuficiência e vergonha (FARAH, 2012). Segundo Farah (2012), as depressões surgem na atualidade mostrando novos contornos para o sofrimento psíquico, uma vez que o declínio da autoridade simbólica remete o sujeito contemporâneo a um dilema diferente do conflito moderno: vive uma alternância entre o possível e o impossível, e nem tanto entre aquilo é permitido ou proibido. Como o lugar simbólico de referência é deslegitimado em sua autoridade, o sujeito fica sem parâmetros para definir seus próprios ideais, valores e principalmente seus limites. Em função da dificuldade de estabelecer referências sobre como agir, a questão da finitude acaba se delineando: a vergonha pelo sentimento de insuficiência faz persistir a angústia e o mal-estar (FARAH, 2012).

Segundo Farah (2012, apud EHRENBURG, 1998, p. 277) a depressão não se pensa nos termos da lei, mas da capacidade. O sujeito da depressão não é aquele que agiu mal no sentido de cometer uma atitude digna de falha moral, mas sim é aquele que não pode sequer agir. Por outro lado, este mesmo sujeito precisa agir a qualquer custo, apoiando-se cada vez mais em seus próprios recursos internos ou competências. No mundo contemporâneo, são produzidas patologias a partir da noção de que é necessário aparecer para existir. Por isso, vergonha e inibição causam dificuldades que levam as pessoas em busca de auxílio emocional (Bilenky, 2014). O medo de que o semelhante identifique quando este afeto possa aparecer inibe a exposição em espaços de domínio público, dificulta a apresentação de si e a espontaneidade nos espaços de convívio, o cultivo de amizades e o exercício da vida sexual (VERTZMAN, 2005, p.18). A valorização da competência pessoal articula duas dimensões da vida social do sujeito: a enaltação da capacidade e performance que, por sua vez, alimenta a valorização da esfera pessoal. Todavia, o insucesso acarreta em depressão e vergonha em ambas as esferas.

Sendo assim, manifestações clínicas como a inibição e a compulsão encontram seu lugar em nossa época mais atual, apresentando-se como os dois lados da depressão contemporânea. Ou seja, sofre-se pela incompetência em agir, ou em parar de agir. Segundo Farah (2012, p.188 apud EHREMBERG, 1998) a falta de iniciativa — ou o seu excesso, sem finalidade nem coerência — surge com um

problema chave da depressão na atualidade. De acordo com Quintella (2014) o supereu articula hoje um imperativo de gozo característico das experiências de excesso muito atuais na clínica contemporânea (compulsões, toxicomania, depressão), as quais se apresentam, sem desconsiderar suas especificidades sintomáticas, como formas peculiares de responder ao mal-estar na cultura presente.

É nessa lógica que o deprimido aparece como o contraponto do ideal contemporâneo: “dependendo de” drogas lícitas ou ilícitas, evidencia a vergonha — e nem tanto a culpa — do sentimento de insuficiência frente ao imperativo de iniciativa e independência. Farah (2012) sublinha que, diferente da época de Freud, no lugar da sexualidade e da agressividade, o prazer interdito na contemporaneidade é a **dependência do outro**, em benefício da autonomia e da responsabilidade pelo seu próprio destino.

Diante de um momento contemporâneo de forte apelo a uma demanda de bem-estar, que é prontamente respondida pela psiquiatria e pela psicofarmacologia, a psicanálise se depara com um limite, um desafio ou um impasse, uma vez que a experiência analítica implica, a princípio, na desconstrução ou no abandono de uma imagem confortável de si. Daí a necessidade de se pensar em alternativas de reformulações e condução da técnica analítica no tratamento de pacientes que apresentam esse quadro de defesas e sintomas associados a perdas narcísicas, uma vez que a imagem que tem de si por si só já não é nada consistente. (CARAVELLI, LESSI, MONTES & VIANA, 2012).

Ainda segundo os últimos autores referenciados, o diferente e estranho na vergonha é o aparente desencontro entre a natureza dos mecanismos de defesa e os efeitos sintomáticos. Ou seja, se do lado das defesas apresenta-se algo similar à melancolia, a reverberação sintomática por outro lado está bem mais próxima das neuroses fóbicas ou das depressões por culpabilidade.

Se por um lado o recalçamento e, com ele, o esquecimento podem ser uma solução para a culpa, que evitam o contato com a dor, o destino para a vergonha e feridas narcísicas é o "soterramento". Como não podem ser esquecidas, são conservadas congeladas. Isso implica a construção de camadas em volta do núcleo vergonhoso, como se fossem um curativo. Para evitar a dor, é preciso realizar estratégias de evitação, por isso, são semelhantes às estratégias fóbicas (Pacheco-Ferreira, 2012).

Segundo Andrade, Mello e Herzog (2004), o sentimento de vergonha de si se apresenta no tratamento como um sofrimento privilegiado, apesar de tal sofrimento ser mencionado sem muita intensidade em sua carga afetiva, o que impossibilita, de início, a articulação com outros conteúdos psíquicos. A vergonha de si é sentida como uma realidade indiscutível, relacionada a uma autopercepção profundamente desvalorizada, “cuja concretude não metaforizada impossibilita qualquer encobrimento” (PINHEIRO, VERZTMAN, VENTURI & BARBOSA, 2006, p. 162).

Nessas condições, a fala não apresenta abertura para novas representações e quase nunca remonta a lembranças ou vivências do passado. O sujeito não se sente digno do que o outro supostamente espera dele e, por isso, se apropria de marcas pessoais como motivo e razão da insuficiência. Homóloga à sombra do objeto que cai sobre o sujeito melancólico, a marca é o próprio traço vergonhoso, que tende a cobrir a vida subjetiva tal como uma sombra imposta ao ego (COSTA, 2012). Entretanto, Costa (2012) esclarece que na vergonha o ódio pulsional é o próprio sujeito e não o objeto incorporado como ocorre na melancolia.

6. CONCLUSÃO

Retomando Freud, o autor primeiramente refuta que a presença de forças sociais repressoras pudessem ser as geradoras do desprazer causado por estimulações sexuais precoces. Em contraponto, entende que a libido é capaz de suplantar a repulsa e a moralidade caso atinja determinado nível. É importante considerar que, nesta primeira perspectiva, o aparecimento da vergonha diz respeito às experiências sexuais, e não exatamente de forças morais externas cujo potencial de coerção apenas se fazem sentir de forma significativa a partir do período de latência. Em uma dimensão psíquica, interna ao sujeito, a vergonha vai aparecer nos sonhos e nos devaneios fantasiosos dos adultos, remontando a períodos onde ela não estava formada e nos quais os desejos infantis surgiam de forma desvelada. Já em uma dimensão social, a vergonha aparece na ameaça de se desvelar as fantasias infantis, como por exemplo nas situações de ciúmes dos casais (uma tentativa de proteger o objeto sexual frente a fantasia de que todos sejam valorizados de igual forma, quando podiam se ver nus sem constrangimento).

Na perspectiva trabalhada a partir da Lacan, a vergonha é entendida como

um afeto que atesta a presença de um significante-mestre (S1). É o próprio buraco de onde surge o S1 (JAQUES LACAN, 1992). A falta deste significante implica uma falta de sentido para a vida e tendência à morte. Com estas considerações, por esta via, a vergonha é tomada como algo que sequer seguiria existindo diante do imperativo do gozo: tendo em conta que o imperativo do gozo supõe a supressão dos limites, a vergonha seria totalmente suplantada. Fazendo uma leitura social, o individualismo e o avanço da ciência teriam reformulado o caráter coletivo dos valores presentes nas sociedades tradicionais, relativizando a associação do ideal de honra junto ao sentimento de vergonha.

Se Freud situou a vergonha como uma força recalcadora das pulsões sexuais, e Lacan pontuou sua decadência frente ao imperativo do gozo já na época contemporânea, outros autores como Vertzman e Farah (2012) entendem que este afeto possui uma manifestação muito presente na época atual, ocorrendo para o sujeito sobretudo diante de uma autopercepção de insuficiência frente ao imperativo do gozo e no sofrimento frente aos impasses do declínio da autoridade simbólica. Na contemporaneidade, o sentimento de vergonha se associa mais aos sintomas depressivos do que aos neuróticos descritos por Freud (FARAH, 2012).

Segundo o mesmo autor, a vergonha não diz respeito ao sujeito em conflito, punido por seu superego diante de algum mal causado a uma suposta vítima de suas atitudes: o que importa não é exatamente o outro, mas sim a **fantasia** sobre o olhar do outro. Dessa forma, o que está em cena é o que o sujeito sentiria sobre si mesmo se estivesse no lugar do outro - quem ele passa a ser depois do ato vergonhoso. O outro tem função apenas de um espectador, testemunha da ação vergonhosa. (FARAH, 2012).

Este estudo apresentou articulações da noção de vergonha a partir de leituras psicanalíticas tomando por base, principalmente, as considerações de Freud, Lacan e autores contemporâneos. Percebeu-se que entre todas estas perspectivas, nenhuma delas teoriza a noção de vergonha sem pelo menos, implicitamente, discutir este afeto em sua relação com o sentimento de culpa, abordando como a vergonha se manifesta no sujeito do ponto de visto psíquico e social.

Em minha interpretação da perspectiva de Freud, a vergonha vela as fantasias infantis que provocam receio ao sujeito quanto a sua revelação. Mas também é precedida de um sentimento de culpa, autoacusaçã, ou no mínimo de

responsabilidade que o sujeito supõe para si, por ser portador de algo que não aprova. Neste quadro, a vergonha parece ser a consciência do próprio sujeito de que seu desejo é proibido, tanto em sua visão quanto na suposição sobre o julgamento do outro acerca do seu desejo. Neste caso o sujeito precisa se sentir culpado para ter vergonha. Seria uma espécie de consciência de culpa que não é atribuída apenas pelo outro mas também por si próprio, e esta percepção é desconfortável ao próprio sujeito: um atestado de culpa da qual o sujeito busca se esconder. A vergonha coloca-se aí como algo para além da culpa, pois o pagamento de uma dívida seria capaz de restituir a culpa. No caso da vergonha, só resta escondê-la, como se o sujeito não suportasse ser identificado como portador de uma auto-acusação que lhe faz se sentir indigno de aparição. Neste sentido, a transformação da autocensura em outro afeto, como a vergonha faz sentido, operando uma função de defesa em que a vergonha atua substituindo a culpa - que fica recalcada.

A respeito da decadência da vergonha, aludida por Lacan, interpreto que o autor aborda a vergonha sob a perspectiva de que não há véu que recubra o gozo. A vergonha sucumbiria diante de uma dimensão do superego que não apenas gera culpa, como também impõe a necessidade do gozo sem limites. Interessante comparar esta lógica com as teorizações iniciais de Freud, em que o último autor apontava que a libido poderia ser capaz de suplantar as forças morais e recaladoras. Todavia, se na perspectiva anterior, sob um superego punitivo a vergonha surgia como uma consequência da culpa, questiono, em que medida, diante de um superego que agora impõe o gozo, a própria culpa também não desapareceria junto da vergonha? Neste cenário, o declínio da autoridade simbólica apresenta a fragilização da manutenção de valores anteriormente compartilhados socialmente, e também, como consequência, a relativização tanto sobre as ações que geram culpa quanto sobre aquelas que geram vergonha.

Em suma, nesta perspectiva a vergonha pode de fato estar em decadência, mas fica o questionamento se o sentimento de culpa também não se encontra em vias de extinção. Ou, em última análise, o sentimento de culpa se faria presente na sociedade atual, porém desassociado da vergonha. Neste raciocínio, o sujeito se sente culpado, mas não tem vergonha de sua culpa, apostando na capacidade de restituição - que não o faz se sentir indigno.

Já na perspectiva de outros autores contemporâneos, como Farah e Vertzman (2012) o declínio da autoridade simbólica implicou para o sujeito contemporâneo um dilema diferente do conflito moderno: uma alternância entre o possível e o impossível, e nem tanto entre aquilo é permitido ou proibido. Nesta perspectiva, a vergonha não parece ser entendida como a consequência de uma autoacusação que diz respeito a uma falta cometida para com o semelhante. A vergonha teria seu lugar como a constatação do sujeito sobre a sua insuficiência diante do imperativo do gozo. Aparentemente, trata-se de um reflexão um pouco posterior a idéia de que a vergonha estaria em decadência. Ou seja, se a decadência social da vergonha por um lado impõe ao sujeito buscar o gozo sem limites e evidenciar isto socialmente, por outro lado, a impotência para dar conta de responder a este imperativo sem limites operaria, paradoxalmente, no reencontro com a vergonha e com a instalação da depressão.

Nesta perspectiva, ainda que o sujeito não se ressinta de uma culpa em relação à fantasia ou a uma falha moral em relação a outrem, assim como a vergonha de si mesmo a culpa parece ter seu papel reconfigurado: o sujeito se culpa e é culpado não mais por aquilo que quer fazer ou que fez, mas por aquilo que não é ou que não fez, cobrando-se como o único responsável por sua impotência e falta de referências que lhe permitam dizer quem é. Segundo Quintella (2014):

o sujeito encontra hoje grandes dificuldades de ligar presente e futuro num processo psíquico de integração que o filiará a uma ação descolada da idealização narcísica. O que se verifica no discurso do sujeito hoje, muito característico de uma depressão neurótica, é a projeção no futuro de um “eu ideal” impossível de se realizar – e isso, quando há uma projeção no futuro.

Em suma, a partir das discussões apresentadas neste estudo, conclui-se que o declínio da autoridade simbólica acarreta numa dificuldade para o sujeito contemporâneo de identificar-se verticalmente com a instância paterna. Isto acarreta numa ausência de referências sobre como agir, o que relega o sujeito a sua dimensão narcísica. Diante do contexto contemporâneo, o supereu é implacável em seu imperativo de gozo, que, num âmbito de sociedade, suplanta o véu que a vergonha poderia cobrir, incentivando o sujeito a se exhibir, tal qual como a *fantasia do paraíso* aludia por Freud. Por outro lado, paradoxalmente, uma interpretação para as depressões modernas é de que ocorre um fenômeno de reencontro do sujeito com a mesma vergonha – quando o sujeito deixa de ter valor ao perceber-se insuficiente diante do imperativo do gozo. A vergonha que falta à sociedade, permitindo que o

imperativo do gozo possa se manifestar com evidência plena, é a mesma vergonha que sobra amplamente ao mostrar a ineficiência do sujeito para responder aos ideais de consumo da sociedade vigente.

Entendendo as manifestações sintomáticas de depressão e de vergonha a partir do quadro apresentado neste trabalho, o desafio que cabe a clínica contemporânea parece ser o de encontrar uma harmonia entre estes pólos do possível e do impossível, tentando resgatar junto ao sujeito referências que lhe deem possibilidade de se movimentar diante de experiências que abalam sua memória e suas perspectivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.B; HERZOG, R; MELLO, R. A associatividade na clínica psicanalítica atual: considerações sobre a técnica, In: VERZTMAN,Julio; HERZOG, Regina; PINHEIRO; Teresa; FERREIRA, Fernanda Pacheco (Org.). **Sofrimentos Narcísicos**. Local: Rio de Janeiro. Cia. Do Freud, 2012. P. 229-249.

BILENKY, M, K. A vergonha e os sofrimentos narcísicos. **Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 36, n. 56, p. 201-205, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 07 out. 2018.

BILENKY, M, K. Vergonha: sofrimento e dignidade. **Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 37, n. 58, p. 133-145, jul. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 07 out. 2018.

CARAVELLI, S; IESSI, M,C; MONTES, F; VIANA, D. Os destinos da culpa na contemporaneidade. In: VERZTMAN,Julio; HERZOG, Regina; PINHEIRO; Teresa; FERREIRA, Fernanda Pacheco (Org.). **Sofrimentos Narcísicos**. Local: Rio de Janeiro. Cia. Do Freud, 2012 p.207-228

COSTA, J. F. Os sobrenomes da vergonha: melancolia e narcisismo. In: VERZTMAN,Julio; HERZOG, Regina; PINHEIRO; Teresa; FERREIRA, Fernanda Pacheco (Org.). **Sofrimentos Narcísicos**. Local: Rio de Janeiro. Cia. Do Freud, 2012. p. 9-15.

EHRENBERG, A. O cansaço de ser você mesmo. **Depressão e sociedade**. Paris: Odile Jacob. 1998

FARAH, B, L. Depressão e vergonha e os ideais de iniciativa e autonomia. In: VERZTMAN,Julio; HERZOG, Regina; PINHEIRO; Teresa; FERREIRA, Fernanda Pacheco (Org.). **Sofrimentos Narcísicos**. Local: Rio de Janeiro. Cia. Do Freud, 2012. p. 185-205.

FREUD, S. Rascunho K. As neuroses de defesa (1896). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v.1.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v. 4.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.7.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.7.

FREUD, S. Caráter e erotismo anal (1908). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.9.

FREUD, S. Ritos escatológicos do mundo inteiro, de Bourke (1913) *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 12

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. v.13

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.14.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. v.14.

FREUD, S. Conferência XXIV - O Estado neurótico comum (1917) In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.16.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do Ego (1921). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996. v.18.

FREUD, S. O Ego e o id (1923). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975c. v.19.

FREUD, S. Um estudo auto biográfico (1925). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977 v.20.

LACAN, J. (1992). *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (2005). *O triunfo de religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (2009). *Seminário, livro 18: um discurso que não seria de semblante*. Rio de Janeiro: Zahar.

LEWIS, M. (1993). Emoções autoconscientes: constrangimento, orgulho, vergonha e culpa. Em M. Lewis e J. Haviland (Orgs.), *Manual de emoção* (pp. 742-756). Nova Iorque: Guilford Press.

MARTINS, F. Entre os abismos da melancolia e depressão — o Eu abismado e o campo das timopatias. *Tempo psicanalítico*, 42, 1, 171-181. 2010

MILLER, J.-A. Nota sobre a honra e a vergonha. *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 38, 8-18. 2003

MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, 42, 7-18. 2004

PACHECO-FERREIRA, F. A angústia e sua relação com a vergonha. In J. Verztman et al. (Orgs.). *Sofrimentos narcísicos* (pp. 165-183). Rio de Janeiro: Cia. de Freud; CAPES PRODOC. 2012

PINHEIRO, T., VERZTMAN, J., VENTURI, C. & BARBOSA, M. Por que atender fóbicos sociais? Justificativa de uma pesquisa clínica. in: Bastos, A. (org.). **Psicanalisar hoje** (pp. 143-172). Rio de Janeiro: Contra Capa. 2006.

SCHIMITH, P; QUEIROZ, S. S; MURTA, A. Vergonha: acrescentando um pouco de tempero. *Rev. Subj.* [online]. 2015, vol.15, n.1 [citado 2018-10-07], pp. 17-23 .Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2359-0777.

QUINTELLA, R. As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu: *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 14(2): 284-296, agosto, 2014

VENTURI, C; VERZTMAN, J. Interseções da vergonha na cultura, na subjetividade e na clínica atual In: VERZTMAN, Julio; HERZOG, Regina; PINHEIRO; Teresa; FERREIRA, Fernanda Pacheco (Org.). **Sofrimentos Narcísicos**. Local: Rio de Janeiro. Cia. Do Freud, 2012. p. 119-145.

VERZTMAN, J. Vergonha, honra e contemporaneidade. *Pulsional*, revista de psicanálise, VIII, 181, 2005. P. 2-25.